

MOTO



O tempo vida-me dei
E com o tempo nascim
Com o tempo me criei
Com o tempo dou o fim
1ª

No ventre fui ingerido
Daquela minha mãe querida
Foi ela que-me dei vida
Dei há luz um filho querido
Pois antes de ter nascido
No ventre dela andei
Bastantas dores-lhe dei
Foi ela que-me dei o ser
E para melhor diser
O tempo vida-me dei
2ª

Estava destinado o dia
Que eu avia de nascer
Minha mãe antes de ter
Tinha dores e sofria
E entan ela sentia
Quando ela andava assim
Que dava razão de mim
A mexer de vêz enquando
O tempo já passando
E com o tempo nascim

3^o

Com sete anos de idade
Eu andava na escola
Até levava na lola
Quando eu não estava calado
E depois fui guardar gado
Num campo que eu bem sei
Sabe deus o que eu passei
Calor, frio e chovia
Quando era há noite, eu dormia
Com o tempo-me eriei

4^o

Comessei a trabalhar
No trabalho da agricultura
Sem ter estudo nem cultura
Eu comessei a notar
Muitas vêses a cantar
Merecos que não te-em fim
Minha vida é assim
Já pouco posso fazer
Numa hora sen saber
Com o tempo dou o fim

UMA MÃE QUE LAMENTA A SORTE² SEU FILHO e sua filha

^{1^o}
No povo além da serra
Vim uma mãe tão perdida
por dar um filho para guerra
E uma filha pra vida

^{1^o}
Depois do filho criado
Estava na sua infância
Foi para guerra da França
Porque era então soldado
Apenas que foi chamado
Logo no combate inferra
A sua mão-se inserra
Dentro de casa chorando
No pobre filho pensando
No povo além da serra

^{2^o}
Depois de um ano pzeado
Uma filha que ela tinha
Embudida pela vizinha
Foram ~~as~~ ^{se} ~~de~~ as meter no fado
porbre mãe, e pai coitado
Chorando com tanta lida
Sua filha convencida
por quem-lhe não queria bem
No povo que fica além
Vim uma mãe tão perdida

^{3^o}
Soldados de Portugal
que tanto foram sofrer
para guerra combater
Sem ninguém-lhe fazer mal
Mas o grande general
que tudo o que diz não erra
E o soldado desterra
para fora do seu país
Ohora a mãe que é infelís
por dar um filho para guerra

^{4^o}
E bradava por Jezúz
Lamentando a sua sorte
Deus que tem uma mão forte
Foi quem-lhe dei essa cruz
por dar dois filhos á luz
Ohorava de arrependida
para ela a morte era erida
por-se ver neste máo trilhio
por dar para a guerra unfilho
E uma filha para a vida

Quero e não posso esquecer-te
Devo odiar-te mas não quero
Sinto peder-me em perder-te
Não tenho esperança mas espero

1.ª

Tanta que eu de ti gostava
Não sei que namor fei o nosso
Quero-me esquecer e não posso
Do tempo que eu-te amava
E quando eu por ti pagava
Ficava alegre ao ver-te
Eu venho aqui dizer-te
Se ainda-me queres amar
Eu vivo triste a pensar
Quero e não posso esquecer-te

2.ª

Com o dom que deus-me deu
Gosto de ti a valer
E não á men pode aver
Quem-te queira mais do que eu
~~mas que bem querer~~ é o teu
~~falando assim bem a~~
É isto que eu consider
Quem eu era não desner
Do princípio até ao fim
Tu és falça e para mim
Devo odiar-te mas não quer

3.ª Quando eu-me ponho a ~~pensar~~ lembrar
No nosso amor dálgum dia
Era sempre uma alegria
O nosso lindo namorar
Deixaste de-me falar
Sem eu ofenssas fazer-te
Não cheguei a confessar-te
És a minha inlusão
Se tu-me dices que não
Sinto peder-me em perder-te

4.ª Á muito que eu estou a ver
Que tens outro namorado
E eu fico abandonado
Sem ofenssas-te fazer
Mas como é que pode ser
Eu ficar assim em ser
Farei tudo o que eu poder
para voltar ao antigo
Eu casar o não contigo
Não tenho esperança mas esper

1.^a



Falagueira minha aldeia
A onde eu vou dar o fim
É bonita não é feia
É tam linda para mim

2.^a

Falagueira és tam linda
Para mim não há igual
Aldeia que nunca finda
Na nação de Portugal

3.^a

Tem a rua do regato
Entrada para a escola
Onde a malta fáz relato
E no fim levam na tola

4.^a

Tem um cabêço no meir
Dá águas para dois lados
Tem o lado do paeçio
A fonte dos namorados

5.^a

Tem o largo da parreira
A onde é o arraial
É monte da Falagueira
Come, tá não há igual

6.ª

Tem o largo do acudo.
A fonte com duas bicas
Ao paçar vemos tudo
Eheias de água tan bonitas

7.ª

Rua da estrela bendita
Digo bem não digo mal
É esta a mais bonita
É a rua principal
~~É uma aldeia de 8.ª~~
É uma aldeia de fama
Falada todos os dias
Tem um ranxo que se chama
Falagueira são matias

9.ª ~~8.ª~~

É uma aldeia pequenina
Mas dá combate às maiões
Tem um instrutor que ensina
Os adultos e os menores

10.ª

O meu dito continua
Para ti pava-te rires
já-me esquecia da rua
Da rua diogo pires

11.ª

Minha terra meus amores
Posso dizer que é verdade
É sempre um jardim de flores
Onde brilha a moicidade

12.ª

Minha ideia desereita
Como é o meu destino
São os verços do poeta
De João Marques Faustino

se eu com Jesus falasse
Duas coisas-lhe pedia
Que a tristeza-me tirasse
Me desse só alegria

1.^a
Se vivo no mundo a sofrer
Como eu há mais alguém
Eu não-lhes sei dizer bem
O que em mim estou a ver
Se um dia pudesse ser
Que eu Jesus encontrasse
E se ele-me arranjasse
Ser feliz até a morte
Pedia saúde e sorte
Se eu com Jesus falasse

2.^a
Minha mãe que-me criou
Na terra onde eu nasci
Fazia vereas assim
Eu era óje já não sou
O tempo já-se pagou
Já não faço o que eu fazia
Deus que tem tanta valia
Ser alegre é que eu eobisse
Se eu um dia o visse
Duas coisas-lhe pedia

3.^a
Eu vou á procura dele
Pelo mundo além mar
E se eu o encontrar
Eu eide falar com ele
Podia aver ~~um~~ apêto
Se eu a ele-me queixasse
E se eu o abraçasse
Que-me tirasse esta dor
Pedia ao senhor
Que a tristeza-me tirasse

4.^a
Por esses campos entã
Onde eu tanto trabalhei
Tanto que eu por lá passei
Para ganhar o meu pão
Tenho esta vocação
Para fazer poesia
Era mesmo isso que queria
Ser fadista em Portugal
Se deus-me tirasse o mal
Me desse só alegria

Cláudio

1971

É bem triste não ouvir
mas é mais triste não ver
Também é triste sentir
O nosso corpo a doer

12
Esta senhora bem calada
O homem que é miçguinho
Não ouve cantar o fado
Custa bastante é verdade
Se aparecesse ali o lado
Muita gente a descolir
Seja a chorar ó a rir
Qualquer conversa pegada
O mouco não ouve nada
É bem triste não ouvir

2.^a
Ser seguinho custa mais
Que nenseguar vê ninguém
Anda aqui e além
Dando gemidos e ais
São estas coisas as tais
Custam bastante a valer
Ainda volto a dizer
O que sinto neste instante
O ser mouco custa tanto
Mas é mais triste não ver

3.^a
A pessoa que é doente
Nunca pode descansar
Temo mal a porentar
Não descansa um mometo
E pudesse toda a gente
Todos querem resistir
Esperando pelo que ade vir
Até a vida acabar
Mas as dores atacar
Também é triste sentir

4.^a
Temos ás vezes um dia
Que nós estamos contentes
Mas se nós estamos doentes
Já não temos alegria
Acaba a valentia
Nada podemos fazer
Comessemos a sofrer
E já não temos resisto
Vejam bem que é muito triste
O nosso corpo a doer

QUADRA DEDICADA AO MUITO TRABALHAR

MOTO

1 Eu trabalho sem medida
A' chuva frio e calor
Já tenho a força perdida
E ninguém me dá valor -

1a

Quando eu tinha cinco anos
Comessei a ter fadigas
Tinha sereno e borçigas
Neste mundo de enganos
seguim entan outros planos
Comessei com outra lida
Com sete anos de vida
Leia na escola a lição
Para ganhar o meu pão
Eu trabalho sem medida

2a

Com mais um ano passado
meu pai-me tirou da escola
Cantava sem ter viola
Nos campos guardando gado
Com quinze anos de idade
Eu deixei de ser pastor
Trabalhava com vigor
Até já de noite escuro
Num trabalho que é tão duro
A' chuva frio e calor

2

3^o

Em tempos que já lá vão
Trabalhava noite e dia
Sem nenhuma regalia
Que-me não dava o patrão -
Já-me cansa a coração
Deve estar no fim da vida
Com a era quase vencida
Sem nunca nada gozar
E de tanto trabalhar
já tenho a forceza perdida -

4^o

Tanta que eu tenho paçada
Com dores no corpo a sentir
Toda a vida a produzir
Onde quer que tenho anclado -
Estou velho já cansado
Ainda sou produtor
A semear e a despôr
Trabalho na agricultura
Sou poeta sem coltura
E ninguém-me dá valor

3

No mundo que é uma bola
Á tanta idéia perdida
Cantôres sem ter viola
A trabalhar toda a vida.

2.^a

Na nação de Portugal
Numa era já passada
Por não terem capital
Não chegaram a ser nada.

3.^a

Á por aí tantas ciências
No país abandonadas
Á tantas inteligências
Que não são aproveitadas.

4.^a

Ó senhores governantes
Danham as almas em mim
No país á por aí tantas
Sen poder ficam assim.

5.^a

Quando eu tinha onze anos
Tinha um piparo de pão
Tocava sen ter enganos
já não era nada máo.

6^a

4 Depois um comerciante
Comprou-me uma ocarina
Tocava acertava o canto
Era esta a minha sina.

7^a

Foi assim desta maneira
Esse bom comerciante
Do monte claro cárcel pereira
Gostava de mim bastante

8^a

Eu podia ser artista
De guitarra e viola
Cantar ser um bom fadista
No mundo que é uma bola

9^a

Mas hoje já não á apêlo
Eu sou outro Antonio Aleixo
Para ser igual a êle
Escreve um livro que vos deixo

10^a

O meu saber é profundo
Sem estudar nenhuma hora
Quer dizer a deus o mundo
Adeus que-me vou embora

DESPEDIDA AO SENHORE DOUTOR JOSÉ
MANOEL QUE DEIXOU-DE VIR A' FALAGUEIRA

5

1ª

Oussa lá senhor doutor
Fassa favor de escutar
Diga-me lá com primor
O que eu-lhe vou preguntar.

2ª

Eu ouso por aí dizer
Que se vai daqui embora
Nunca-se queira esquecer
De quem está cantando agora.

3ª

Tanta gente que precisa
E que te em sofrimento
Se abalar aqui de niza
Nunca-se esqueça da gente.

4ª

Se for morar para Lisboa
Lá perto da Mourzaria
Fasso-lhe uma guarda boa
Se eu por lá passar um dia.

5ª

Cantando com sentimento
Assim triste e pouco alegre
Fica mais perto da gente
Se for para portalegre.

8

Ainda não disse tudo
seu destino a sua sorte
Dezejo-lhe muita saúde
E feliz até há morte.

84 73

Igual há sacra senhora
E filhos se os tiver
Se o senhor-se for embora
Será o que deus quiser.

85

Mas quando um dia abalar
que vá com muita alegria
Eu quero ir abraçar
Dizer-lhe adeus até um dia.

QUADRA DEDICADA AO GRANDE CIENTISTA

MOTO

7

Á o grande cientista
Que não tudo-se enserra
Mas não sabe pôr há vista
Quantos quilos pesa a terra

1^a

Á tanta água no mar
Quantos litros averá
Um cientista não há
Que seja capaz de os contar
Não há quem saiba explicar
Nem o melhor especialista
Aqui é que ninguém ri-se
São coisas da natureza
Pra contar essa grandeza
Á o grande cientista

2^a

Dizem que o mar tem canais
Eu admire bastante
A água que pesa tanto
Mas a terra pesa mais
E não há pesos iguais
Tanta água tanta serra
Tanta coisa que há na terra
E ela sempre a girar
O cientista a estudar
Que não tudo-se enserra

3^a

8

O peso número não tem
 Não-se pode calculár
 Tam grande peso no ar
 E segura-se ~~tambem~~ também
 Senhores reparam bem
 Como é, tan grande a pista
 Díz o grande cientista
 Muitos quilos pesa o mundo
 O seu saber é profundo
 Mas não sabe pôr há vista

2^a

A terra pode com o mar
 Está assente encima dela
 Tanta coisa que há nela
 Ainda para mais pesar
 Não sou capaz de encontrar
 O homem que nunca erra
 Seja em paz ó na guerra
 Seja em qualquer paiz
 O cientista não diz
 Quantos quilos pesa a terra.

5^a

Depois da quadra acabada
 Dou a minha solução
 A pesar de não saber nada
 Quegan todos quante estão o

Tudo canta tudo berra
 E só não falam os santos
 Os quilos que pesa a terra
 São metade e outros tantos

6^a

QUERO CANTAR MAS NÃO TENHO COMPANHEIRO

MOTO

9

Á por-ai algum amigo
Que tenha a vós afinada
Que queira cantar comigo
Um pouco há desgarrada

1ª

Quando eu comesso a cantar
Gosto de ter um companheiro
Pra cantar o dia inteiro
Até há muito ao deitar
Comesso logo a escutar
Se o fado é novo ó antigo
Se é velho nada digo
Seja qualquer amiguinho
Pra-eu não cantar sosinho
Á por-ai algum amigo

2ª

Eu gosto muito do fado
Hereditan podem erer
Mas sempre gosto de ter
Um companheiro ao meu lado
Para cantar um bocado
Tenha qualquer camarada
Eu sei cantar pouco ou nada
Não sou nenhum professor
Tenha lá qualquer cantor
Que tenha a vós afinada

10

Venha cantar neste sentre
 Cantigas só sete ou oito
 E se quiser toda a noite
 Prá companhia cá estou sempre
 Quem quiser entrar que entre
 Estou a ver que mão comeigo
 A isto que eu tanto ligo
 Eu terei que dar dinheiro
 Não há nenhum cavalleiro
 Que queira cantar comigo

u^a

Terei que cantar sosinho
 É o mesmo não-me enporta
 A minha voz não está morta
 Para cantar o fadinho
 Tanto então só um pouquinho
 Não é para ser de moitada
 Já tenho a quadra acabada
 Já-me estou a enfadar
 Não há quem queira cantar
 Um pouco há desgarrada

X QUADRA DEDICADA A MIM COMO NASCIM-COMO-ME

MOTO

CRISI

103

O tempo vida-me dei
E com o tempo nascim
Com o tempo-me eriei
Com o tempo dou o fim
1ª

No ventre fui ingerido
Daquela minha mãe querida
Foi ela que-me dei vida
Dei há luz um filho querido
Pois antes de eu estar nascido
No ventre dela andei
Bastantas dores-lhe dei
Foi ela que-me dei o ser
E para melhor d'êser
O tempo vida me dei
2ª

Estava destinado o dia
Que eu avia de nasceer
Minha mãe antes de ter
Tinha dores e sofria
E então ela sentia
Quando ela andava assim
Que dorrasão de mim
mechendo de vês enquanto
O tempo ia passando
E com o tempo nascim

10h

3^o

Com sete anos de ~~vida~~ idade
Eu andava na escola
Até levava na tola
Quando eu não estava calado
E depois fui guardar gado
Num campo que eu bem sei
Só deus sabe o que eu paei
Calor frio e chovia
Quando era há noite eu dormia
Com o tempo-me eriei
11^o

Comessei a trabalhar
No trabalho da agricultura
Sem ter estudo nem cultura
Eu comessei a notar
E há veses a cantar
Versos que não te-empem
Minha vida é assim
já pouco posso fazer
Numa hora sem saber
Com o tempo dou o fim

QUADRA DEDICADA AO ALMOÇO QUE DERAM AOS QUE
RANXOS QUE FORAM INTUAR A LISBOA

MOTO

105

Feijões pretos em lisboa
Feijões pretos em lisboa
Feijões pretos em lisboa
Feijões pretos em lisboa

1ª

O ranxo do montalvão
O de Nisa e Falagueira
Foram todos na carreira
Intoar a um salão
Foi em lisboa então
Onde apareceu a saloia
Deram uma refeição boa
Daquilo que a gente tem
Almogaram todos bem
Feijões pretos em lisboa

2ª

Sábado fim de semana
O nosso ranxo intou
Muita gente-se enganou
Mesmo quem pouco-se engana
Numa casa Alentejana
Onde a vós também intoa
Mais do que uma peçoa
Queriam comer ~~peço~~ ^{bite} frito
Comeram que é mais bonito
Feijões pretos em lisboa

106

3.^a

E foi muita gente então
Os ranhos a acompanhar
Mas ouve ao almoçar
Falta de organização
Alms comeram outros não
Não avia pão nem broa
Nem fruta marmel garboa
Estava tudo acabado
Não foi almoço afamado
Feições pretos em lisboa
4.^a

O meu conhado joão
Foi o que pareceu mais fome
Diz que nunca mais lá come
Com aquela condição
Comes só caldo de feijão
Sabia-lhe a coisa boa
Sem ter melão nem meloa
E veio para cá dizer
Que não está para comer
Feições pretos em lisboa

josé da Cruz, lá está lisboa
A vossa intoação
Estêve a coisa muito boa
só o almoço é que não

VERSSOS DEDICADOS A' FALAGUEIRA

1.^a

107

Falagueira minha aldeia
A onde eu vou dar o fim
É bonita não é feia
É tan linda para mim
Falagueira és 2.^a

Falagueira és tan linda
Para mim não há igual
Aldeia que nunca finda
Na nação de Portugal
3.^a

Tem a rua do regato
Entrada para a escola
Onde a malta faz relato
E no fim levan na tola
4.^a

Ten um eabesso no meio
Dá águas para dois lados
Ten o lado do paeçio
A fonte dos namorados
5.^a

Ten o largo da parreira
A onde é o arraial
O' Monte da Falagueira
Como tú não há igual

108

Tem o largo do açedo
A fonte com duas bicas
Ao paeir vemos tudo
Cheias de água tan bonitas
7^o

Rua da estrela bendita
Digo bem não digo mal
É esta a mais bonita
É a rua principal
8^o

É uma aldeia de fama
Falada todos os dias
Tem um ranxo que se chama
Falagueira são matias
9^o

É uma aldeia pequenina
mas dá combato ás maiores
Tem un instrutor que encina
Os adultos e os menores
10^o

O meu dito continua
Para tú povo-te rires
já-me esquecia da rua
DA rua diogo pires

11^o
Minha terra me amores
Posso dizer que é verdade,
É sempre um jardim de flores
Onde brilha a mocidade.

12^o
Minha ideia descreta
Como é o meu destino
São os versos do poeta
De São Marques Faustino

QUADRA DEDICADA A GUERRA MUNDIAL

MOTO

199

Temos os astros em guerra
Turvan-se as águas no mar
Quando é que reina na terra
A paz de que ouço falar

1ª

A guerra até no ar
Guerreiros dá viação
Leansen bombas ao chão
E dão fogo sem seear
E não deixm de lutar
Quer no ar quer na terra
Quem aponta também erra
Com armas como canhões
Dão fogo aos aviões
Temos os astros em guerra

2ª

A marinha também tem
Boas armas para vencer
Estão prontas a combater
No mar tão largo de além
Preparan-se todos bem
Para o mundo derrotar
Até vão incendiar
Com altas chamas de lume
Com fogo, e com tanto fumo
Turvan-se as águas no mar

110

3^o

A guerra em todo lado
Os governos não-se entendem
Eles não-se compreendem
Ainda tudo variado
Quando é que é acinado
Para terminar a guerra
O povo grita e berra
Por melhor tempo paçar
A paz e o ben estar
Quando é que reina na terra

4^o

Estás na boca do leão
O Portugal pequenino
Se não há um homem fino
Já não és Portugal não
Aja paz e união
Com a guerra acabar
E no campo trabalhar
Que eu já tanto trabalhei
Quando é que vem essa lei
A paz de que ouço falar
Os astros giram doentes
Segundo o que eu estou a ver
Há na Terra padecentes --- padecentes
Destinados a morrer
Tudo-se eria a sofrer
À base de medicamentos
Segundo o que eu estou a ver
Os astros giram doentes

QUADRA DEDICADA À MINHA NATURALIDADE

MOTO

No monte do Chão da Velha
Terra a onde eu nascim
Eu já lá não moro nela
Londe crei eu dar o fim
1^a

A minha direção inteira
Por este nome-me aciro
Sou João Marques Faustino
Residente em Falagueira
É assim desta maneira
Minha direção lá vai ela
E já podem seguir ~~com~~ ela - nela
Que tudo isto é verdade
Eu fui nascido e criado
No monte do Chão da Velha
2^a

E quando alguém-me avisa
No momento estou alegre
Meu distrito é portalegre
Sou do conselho do Nisa
A terra que o meu pé pisa
A hereditam que é assim
Se preguntáran por mim
Minha terra não é feia
Chão da Velha minha aldeia
Terra a onde eu nascim

112

Freguesia de São Matias

que liga ao rio Tejo

Eu sou do alto Alentejo

Eide ser todos os dias

Eu tenha tios e tias

Uma ainda falo com ela

Eu vou há Procura dela

Para-lhe contar da vida

A minha terra tam erida

Eu já lá não moro nela

hã

Se ouver algum amigo

que-me queira visitar

Quem-me quizer encontrar

Pode vir falar comigo

Está tudo esclarecido

Vejam bem que é assim

E que mais quoren de mim

É assim desta maneira

Reside na Falgueira --- Falagueira

onde irei eu dar o fim

ó meu lindo Alentejo

Digo bem não digo mal

Ficas do sul do Tejo

No país que é Portugal;

Como tu não há igual

Crías tudo no teu brejo

Digo bem não digo mal

ó meu lindo Alentejo

QUADRA DEDICADA AO POETA FAUSTINO

MOTO

Se eu com Jesus falasse
 Duas coisas-lhe pedia
 Que a tristeza-me tirasse
 Me desse só Alegria

1ª

Vivo no mundo a sofrer
 Como eu há mais alguém
 Eu não-lhes sei dizer bem
 O que em mim estou a ver
 Se um dia pudesse ser
 Eu com Jesus-me encontráre
 E se ele-me arranjasse
 Ser feliz até á morte
 Pedir saúde e sorte
 Se eu com Jesus falasse

2ª

Minha mãe que-me criou
 Na terra a onde eu nascim
 Fazia vereos assim
 Quem eu era já não sou
 O tempo já-se paçou
 Já não fasso o que eu fasia
 Deus que tem tanta valia
 Ser alegre é que eu cobísse
 Se eu um dia o visse
 Duas coisas-lhe pediz

Eu vou á procura d'êle
 Pelo mundo além mar
 E-se eu o encontrar
 Eu eide falar com êle
 Podia aver um apêr
 Se eu a ele-me chegasse
 E-se eu o abraçasse
 Que-me tirasse esta dor
 Pedia ao o senhor
 Que a tristez me tirasse

1.^o

Por esses campos então
 Onde eu tanto trabalhei
 Tanto que eu por lá passei
 Para ganhar o meu pão
 Tenho esta vacação
 Para fazer poesia
 Era mesmo isto que eu eria
 Ser poeta em portugal
 Se deus-me tirasse o mal
 Me desse só alegria

MEU AMOR VOLTA AO ANTIGO

MOTO

115

Se eu visse deus nosso senhor

Duas coisas - lhe pedia

Uma era o teu amor

Outra a tua companhia

1.^a

Eu não sei de que maneira

O nosso amor acabou

Quem eu era ainda sou

Vivo na mesma sequeira

Estou sonhando a noite inteira

Que estás do meu despoir

Deus que tem tanto valor

Me faça alegre e a rir

Eu bem-lhe cá pedir

Se eu visse deus nosso senhor

2.^a

Eu vivo de ti ausente

Sen-te ser falso, men traidor

Quero-te amar minha glôr

Como era antigamente

Eu amo-te eternamente

Como era algum dia

Deus que tem tanta valia

Se eu um dia o encontrasse

Se eu para ele falasse

Duas coisas - lhe pedia

3^a
116 Não-me queiras ver com ternura
Tormemos o que era dantes
Porque o dever dos amantes

Fás cobrar a maior jura
Falo-te a verdade pura
Que vivo com esta dor
Deus é nosso protetor
Sabe aonde tu repousas
Pedia-lhe duas cousas
Uma éz o teu amor
u^o

Prepara no que eu-te digo
Amor do meu coração
Não queiras dizer que não
Voltemos ao antigo
Se eu falasse contigo
Eu tinha muita alegria
Éz mesmo isso que eu eria
Duas coisas queria ter
Uma era o teu bem erer
Outra a tua companhia

Quando é que-me vou deitar
Comesso a pensar em ti
Falo contigo a sonhar
Pensando que estás aqui
Estás ahen e estás ali
Mas não-me queres falar
Comesso a pensar em ti
Quando é que-me vou deitar

QUADRA DEDICADA AO MOUCO-E O-SEGUINHO

MOTO

117

É bem triste não ouvir
Mas é mais triste não ver
Também é triste sentir
O nosso corpo a doer

1^o

Está sempre bem calado
O homem que é mouquinho
Não ouve cantar o gadinho
Gusta bastante é verdade
Se estiver ali o lado
Muito gente a desatir
Seja a chorar o a rir
Qualquer converça pzeza
O mouco não ouve nada
É bem triste não ouvir

2^o

Ser seguinho custa mais
Que ninsequer vê ninguém
Anda aqui e além
Dado gemidos e ais
São estas as coisas tais
Gusta bastante a valer
Ainda volta a dizer
O que eu cinto neste instante
O ser mouco custa tanto
Mas é mais triste não ver

418

3.^o
A pessoa que é doente
Nunca pode descansar
Tem o mal apoguentar
Não desceixa um momento
E padesse toda a gente
Todos queremos resistir
Esperando pelo que ade vir
Até a vida acabar
Mas as dores átaezar
Tambem é triste sentir

4.^o
Temos ás vezes um dia
Que nós estamos contentes
Mas se nós estamos doentes
já não temos alegria
Acaba a valentia
Comeamos a sofrer
Nada podemos fazer
E já não temos resisto
Vejam bem que é muito triste
O nosso corp a doer

A RITA CASOU O ZÉ
MOTO

119

Esta é que eu não sabia
Esta é que eu não sabia
Esta é que eu não sabia
Esta é que eu não sabia
1ª

Disse a Maria Judita
Um caso que foi pzeado
Que o zé tinha namorado
A moça chamada Rita
Ela não era esquisita
Muita gente o desia
Eu cá não a conhecia
É só por ouvir dizer
O que ela foi fazer
Esta é que eu não sabia
2ª

Zangada batia o pé
Porque queria namorar
O que queria era casar
Mas só gostava do zé
Ela andava na maré
Mas o zé não entendia
Nada disto perssebia
Ela até o beijava
Mas o zé não afinava
Esta é que eu não sabia

120

A Rita era já velha
 Mas era uma moçca linda
 Mas queria ser mais ainda
 Sendo uma moçca tão bela
 O zé andava com ela
 A toda a hora do dia
 Ela só tinha alegria
 Quando estava ao pé dele
 Só queria casar com ele
 Esta é que eu não sabia

4^a

Ele era um malagou
 Do que é que estava á espera
 Não sabia o que isto era
 Mas ela o encinou
 Apenas que ele provou
 Já nunca mais se esquecia
 Andava nesta agonia
 Vezan bem como isto é
 A Rita casou o zé
 Esta é que eu não sabia